



# A Santa Sé

---

**PAPA FRANCISCO**

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE**

*De onde vem a luz?*

*Segunda-feira, 24 de Novembro de 2014*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 48 de 27 de Novembro de 2014*

Na viúva que lança as suas duas moedinhas ao tesouro do templo podemos ver «a imagem da Igreja», que deve ser pobre, humilde e fiel. A reflexão do Papa começa com o Evangelho do dia, tirado do capítulo 21 de Lucas (1-4). Na homilia foi feita referência ao trecho no qual Jesus, «depois de longos debates» com os saduceus e com os discípulos relativamente aos fariseus e aos escribas que «estão satisfeitos por ocuparem os primeiros lugares, os primeiros assentos nas sinagogas, nos banquetes, por serem saudados», ao levantar o olhar «vê a viúva». O «contraste» é imediato e «forte» em relação aos «ricos que lançam as suas ofertas no tesouro do templo». E é precisamente a viúva «a pessoa mais forte aqui, neste trecho».

Da viúva, explicou o Pontífice, «diz-se duas vezes que é pobre e está na miséria». É como se o Senhor quisesse sublinhar aos doutores da lei: «Tendes tanta riqueza de vaidade, de aparência ou também de soberba». Ela é pobre. Vós, que comeis nas casas das viúvas...». Mas «na Bíblia o órfão e a viúva são as figuras mais marginalizadas» assim como também os leprosos, e «por isso há muitos mandamentos para ajudar, para cuidar das viúvas, dos órfãos». E Jesus «olha para esta mulher sozinha, vestida com simplicidade» e «que lança tudo o que tinha para viver: duas moedas». O pensamento vai também a outra viúva, a de Sarepta, «que tinha recebido o profeta Elias e ofereceu tudo o que tinha antes de morrer: um pouco de farinha com azeite...».

O Pontífice reconstrói a cena narrada pelo Evangelho: «Uma mulher pobre no meio de

poderosos, no meio de doutores, de sacerdotes e escribas... também no meio daqueles ricos que lançavam as suas ofertas». A eles Jesus diz: «Este é o caminho, o exemplo. Esta é a estrada pela qual vós deveis caminhar». Sobressai forte o «gesto desta mulher que era toda para Deus, como a viúva Ana que recebeu Jesus no templo: toda para Deus. A sua esperança estava só no Senhor».

Francisco afirmou: «Gosto de ver aqui, nesta mulher, uma imagem da Igreja». Em primeiro lugar, a «Igreja pobre, porque a Igreja não deve ter outras riquezas a não ser o seu Esposo»; depois a «Igreja humilde, como eram as viúvas daquela época, porque naquele tempo não existia a aposentadoria, as ajudas sociais, nada». Num certo sentido a Igreja «é um pouco viúva, porque espera o seu Esposo que há-de vir». Certamente, «tem o seu Esposo na Eucaristia, na palavra de Deus, nos pobres: mas espera que volte».

E o que impele o Papa a «ver nesta mulher a figura da Igreja»? O facto de que «não era importante: o nome desta viúva não aparecia nos jornais, ninguém a conhecia, não tinha licenciaturas... nada. Não brilhava de luz própria». E a «grande virtude da Igreja» deve ser precisamente «não brilhar de luz própria», mas reflectir «a luz que vem do seu Esposo». Também os «primeiros Padres» diziam que a Igreja «é um mistério como a lua. Chamavam-lhe *mysterium lunae*: a lua não tem luz própria; recebe-a sempre do sol».

Certamente «é verdade que às vezes o Senhor pede à sua Igreja que tenha luz própria», como quando pediu «à viúva Judite que se despojasse das vestes de viúva para vestir o traje de festa para cumprir uma missão». Mas, a Igreja «recebe a luz do Senhor» e «todos os serviços que realizamos» nela servem para «receber aquela luz». Quando um serviço está carente desta luz «não está bem», porque «torna a Igreja rica ou poderosa, ou em busca do poder, e ainda erra o caminho, como aconteceu muitas vezes, na história, e como acontece nas nossas vidas quando queremos ter outra luz, que não é exactamente a do Senhor: uma luz própria».

O Evangelho, observou o Papa, apresenta a imagem da viúva precisamente no momento em que «Jesus começa a sentir as resistências da classe dirigente do seu povo». E é como se Ele dissesse: «Acontece tudo isto, mas olhem para ali!», para aquela viúva. A comparação é fundamental para reconhecer a verdadeira realidade da Igreja que «quando é fiel à esperança e ao seu Esposo, rejubila ao receber a sua luz, ao ser — neste sentido — viúva: esperando aquele Sol que há-de vir».

Aliás, «não é por acaso que o primeiro confronto forte, depois do que Jesus teve com Satanás, em Nazaré, foi por ter nomeado uma viúva e um leproso: dois marginalizados».

Quando a Igreja, concluiu Francisco, é «humilde» e «pobre», e também quando «confessa as suas misérias — pois todos as temos — a Igreja é fiel». É como se ela dissesse: «Eu sou obscura, mas a luz vem-me dali!». E isto, acrescentou o Pontífice, «faz-nos tão bem». Então

«peçamos a esta viúva que está no céu, sem dúvida», a fim de que «nos ensine a ser Igreja assim», renunciando a «tudo o que temos» e não guardando «nada para nós» mas «tudo para o Senhor e para o próximo». Sempre «humildes», «sem nos vangloriarmos de ter luz própria», mas «procurando sempre a luz que vem do Senhor».